

resenha:

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora SENAC, 2008.

O gênero documental e o cinema em *Mas afinal... O que é mesmo documentário?*

Julierme Sebastião Moraes Souza*

Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documental em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados.

Fernão Pessoa Ramos



É fato notório que, de pouco tempo pra cá, vivenciamos uma efervescência de documentários nas salas de cinema do país. Nesse contexto, parece que as

editoras têm se interessado em publicar sobre o tema, pois, em uma lista que esgotaria as linhas dessa resenha, obras como **O Espelho partido: tradição e transformação do documentário**, de Sílvio Da-Rin, **Introdução ao documentário brasileiro**, de Amir Labaki, e **O documentário de Eduardo Coutinho**, de Consuelo Lins, servem apenas como demonstração de tal fato.

Entretanto, apesar da pluralidade de publicações em torno do tema documental, poucas obras como **Mas afinal... O que é mesmo documentário?**, de Fernão Ramos surgiram no sentido de definir esse gênero cinematográfico. Isso não quer dizer que, ao longo de décadas, diversos estudiosos não tenham procurado definir claramente o que é esse gênero, porém, essa é uma tarefa árdua que poucos conseguiram com êxito como Fernão Ramos.

Composto por diversos ensaios críticos escritos pelo professor do Departamento de Cinema (DECINE) do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ao longo de praticamente toda a sua carreira de pesquisador, a obra é dividida em duas partes que se complementam: uma primeira, dedicada ao balanço teórico de algumas correntes de pensamento empenhadas em definir o gênero

documental, e, uma segunda, na qual o pesquisador se atém na história do documentário brasileiro.

O objetivo primordial de Ramos é definir o que é documentário. Tal empreendimento é feito na primeira parte da obra. Arguindo com base na dicotomia e diferenciação entre o gênero documental e o gênero ficcional, o pesquisador aponta como essência do documentário a proposta de estabelecer asserções sobre o mundo. Tendo em vista que a ficção também busca estabelecer tais asserções, bem como há a possibilidades de se construir uma linguagem que misture documentário e ficção, Ramos busca elementos de diferenciação entre as asserções documentais e as ficcionais.

O primeiro ponto é que o documentário versa sobre fatos identificáveis na linha do tempo histórico, enquanto a ficção tem a liberdade de construir uma narrativa que pertença aos domínios imagináveis. O segundo consiste na idéia segundo a qual o gênero documental possui características formais próprias de estabelecer asserções sobre o mundo histórico.

De acordo com Ramos, mesmo no caso de um filme ficcional usar os procedimentos formais próprios do gênero documental, no documentário pesará a intenção do autor em estabelecer inserções sobre o mundo histórico, isto é, marcar sua posição, enquanto no gênero ficcional a proposta primordial de entreter seu público pode levar o autor de ficção a se desvencilhar do ideal de estabelecer inserções sobre o mundo.

À idéia de diferenciação formal, que é seguida pela proposta intencional do autor de documentário, Ramos arregimenta como mais um elemento que diferencia o gênero documental da

ficção, a sua indexação social. O pesquisador argumenta que diversos mecanismos sociais direcionam a recepção dos filmes, o que de antemão já diferencia o documentário da ficção, pois a intenção documentária do autor/cineasta ou da produção do filmes contribui de maneira essencial nessa diferenciação.

Ramos também toca em questões muito interessantes do ponto de vista construtivo e receptivo do gênero documental. Segundo ele, o documentário não é resumido à exposição da verdade, uma vez que pode tecer asserções “falsas” sobre o mundo histórico, porém, não deixará de ser um documentário, pois continuará respeitando características formais próprias, intenções do autor/cineasta e uma indexação social que garantem sua inclusão no gênero.

É importante afirmar que tal abordagem atualiza os debates sobre o tema, pois Ramos refuta as correntes clássicas sobre a definição de documentário (pautadas na idéia de que o gênero documental traz consigo a verdade e a objetividade) em privilégio do valor intencional do autor/cineasta, de sua asserção sobre o mundo histórico e de sua indexação social.

Definido o que é documentário, na segunda parte da obra o pesquisador passa a analisar a história do documentário brasileiro. Vale destaque sua argumentação sobre o cineasta Humberto Mauro, um dos maiores nomes do cinema brasileiro. Abordando a trajetória de Mauro nos documentários do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), entre as décadas de 30 e 60, Ramos destaca a posição do cineasta no interior de um órgão essencialmente ideológico.

O pesquisador destaca que o papel cultural de Humberto Mauro no INCE pode ser encarado como uma tentativa de higienização social, na medida em que os costumes populares foram recuperados e alterados com base na vertente ideológica do antropólogo Edgar Roquette Pinto. Segundo Ramos, de uma corrente progressista, que naquele momento abandonava as teorias raciais em privilégio dos temas culturais e da miscigenação nacional, Pinto influenciou profundamente o INCE e, por consequência os filmes de Humberto Mauro.

Nessa segunda parte a obra, Fernão Ramos ainda toca vertente atual dos documentários brasileiros analisando filmes como *Notícias de uma guerra particular*, de João Moreira Salles e Kátia Lund, *Ônibus 174*, de José Padilha, e *Falcão: meninos do tráfico*, dos músicos MV Bill e Celso Athayde; e recupera os documentários surgidos no cerne do *Cinema Novo* brasileiro, como *Arraial do Cabo*, de Mário Carneiro e Paulo César Saraceni, *Aruanda*, de Linduarte Noronha, *Garrincha, alegria do povo*, de Joaquim

Pedro de Andrade, *Maioria absoluta*, Leon Hirszman, *Integração racial* de Paulo César Saraceni, e *O Circo*, de Arnaldo Jabor.

Em linhas conclusivas, essa obra resenhada emerge com vital importância no contexto atual. Por um lado, ela realinha as discussões acerca do gênero documental, perpassando uma perspectiva que trata esse tipo de filme como um gênero menor de cinema e, por outro, debate e define o que é documentário de maneira clara e coerente, sinalizando a importância da autoria, da forma e da indexação social desse gênero documental.

Com efeito, de maneira muito precisa, **Mas afinal... O que é mesmo documentário?**, de Fernão Ramos Pessoa, já insurge como uma leitura obrigatória, tanto para aqueles interessados por cinema e história ou outros que apenas apreciam uma leitura envolvente e preciosa em informações. Em face de tudo isso, mesmo que seja quase um pleonasmo desejar uma boa leitura da obra aqui resenhada, preferimos pecar pelo excesso e afirmar: Uma boa leitura a todos!

* **JULIERME SEBASTIÃO MORAIS SOUZA** é Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), é mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da mesma Universidade e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).